

CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

FRANCISCO MARCELO DA SILVA

**DEIXE-ME FLORESCER, NÃO PERMITO QUE SEUS ESPINHOS PERFUREM
MINHAS PÉTALAS:** O estudo, numa visão psicológica, de mulheres vítimas de violência
doméstica, assistidas pelo Centro de Referência Especializado de Assistência Social- CREAS,
na cidade de Campos Sales-CE.

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2018

FRANCISCO MARCELO DA SILVA

**DEIXE-ME FLORESCER, NÃO PERMITO QUE SEUS ESPINHOS PERFUREM
MINHAS PÉTALAS:** O estudo, numa visão psicológica, de mulheres vítimas de violência doméstica, assistidas pelo Centro de Referência Especializado de Assistência Social- CREAS, na cidade de Campos Sales-CE.

Artigo apresentado como requisito para conclusão do curso de Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio. Orientadora: Prof^ª. Moema Alves Macêdo.

JUAZEIRO DO NORTE – CE
2018

**DEIXE-ME FLORESCER, NÃO PERMITO QUE SEUS ESPINHOS PERFUREM
MINHAS PÉTALAS:** O estudo, numa visão psicológica, de mulheres vítimas de violência doméstica, assistidas pelo Centro de Referência Especializado de Assistência Social- CREAS, na cidade de Campos Sales-CE.

Francisco Marcelo da Silva¹
Moema Alves Macedo²

RESUMO

A violência se desprende de uma conceituação exata, pois suas causas e fatores estão relacionados a diversos pontos, dentro de ambientes de diferentes realidades na vida das pessoas, dentre essas pessoas, mulheres que têm suas vidas marcadas pelo ato violento em si e passam pelos mais variados tipos de agressões sejam elas; físicas, psicológicas, sexuais e outras, o que mais tarde o corpo somático expõe esses acontecimentos em casos como; depressão, baixa autoestima, ideação suicídio, uso abusivo de álcool e drogas e etc. O referido trabalho teve como tese inicial de pesquisa refletir quais sequelas psicológicas são presentes em mulheres vítimas de violência doméstica assistidas pelo Centro de Referência Especializado de Assistência Social – CREAS do município de Campos Sales-CE, e com isso conhecer o contexto econômico, social e cultural, por essa razão conhecer a situação em que vivem, moram, trabalham, estudam e como se relacionam essas mulheres com seus atuais ou ex agressores. Através de uma pesquisa a campo de caráter qualitativo, descritiva, tendo como levantamento de dados a entrevista individual e questionário, elaborar por meio destes dados a análise de discurso. Por meio da pesquisa, percebeu-se que diante da figura do psicólogo, o qual realiza uma escuta sem preconceitos, as mulheres violentadas sentem-se mais seguras para relatarem suas sequelas psicológicas e seus sofrimentos, fato este que provoca um maior empoderamento destas pessoas.

Palavras-Chave: Violência doméstica. Mulher. Sequelas psicológicas.

ABSTRACT:

Violence derives from an exact conceptualization, because its causes and factors are related to several points, within environments of different realities in the life of the people, among those women who have their lives marked by the violent act itself and pass through more varied types of aggression; physics, psychological, sexual and other, what later the somatic body expels these events in cases like; depression, low self-esteem, ideation suicide, abusive use of alcohol and drugs, and so on. This study had as initial thesis of research to reflect what psychological sequelae are present in women victims of domestic violence assisted by the Specialized Referral Center of Social Assistance – CREAS of the municipality of Campos Sales-CE, and with that to know the economic, social and cultural, for that reason to know the situation in which they lives, live, work, study and how these women relate to their current or former aggressors. Through a qualitative, descriptive field research, having as data collection the individual interview and questionnaire, to elaborate through this data the discourse analysis. Through the research, it was noticed that faced with the figure of the psychologist, who performs a listening without prejudices, violated women feel safer to report their psychological sequelae and their sufferings, a fact that causes a greater empowerment of these people.

Keywords: Domestic violence. Woman. Psychological sequelae.

¹Francisco Marcelo da Silva Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. E-mail: marcelosilvaa.social@outlook.com

² Moema Alves Macedo Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. E-mail: Moema@leaosampaio.edu.br

1 INTRODUÇÃO

A violência e a sua conjuntura para Minayo (2005) trata-se de um fenômeno complexo. Inicialmente, de origem latina, a palavra violência vem de “vis” que em outras palavras quer dizer o uso ou compreensão de constrangimento, dominação, superioridade física sobre o outro. Em um sentido de melhor entendimento, a violência dentro de seus eventos, geralmente, é voltada para a relação de poder, conflitos, domínios, posses e autoridades sobre o outro.

No atual cenário contemporâneo iremos nos atentar para uma das facetas da violência, ou seja, procuraremos adentrar e explorar o termo da violência doméstica/ intrafamiliar contra mulheres. Com isso traremos um contexto relacionado às batalhas e conquistas dos movimentos feministas, a contextualização de fatores sociais, culturais, econômicos e biológicos, a figura da mulher frente a um espaço que foi e ainda é pauta de discussão para o enfrentamento a violência que a coloca como principal figura, ou seja, mesmo com o desenvolvimento de leis, programas e projetos de conscientização de legalidade de direitos iguais entre gênero a mulher ainda em pleno século XXI é marcada por sequelas psicológicas em atos de violência dentro do próprio seio familiar.

O trabalho pautado em questão terá como fundamento fatos que norteiem o leitor ao conhecimento de aspectos voltados à violência contra a mulher, a relação de gêneros, direitos humanos e formas interventivas do profissional de psicologia frente à questão central desse trabalho, afim de uma discussão e levantamento de informações que possam resultar no entendimento de quais impactos psicológicos afetam a vida dessas vítimas. Quanto à possibilidade de novos estudos, desenvolvimento de pesquisas e para o avanço científico na sociedade, a pesquisa serve como base para novas contribuições e intervenções, como também a proposta de desdobramento e/ou reformulações de novas sugestões de atuações dos profissionais de psicologia que atendem dentro do enquadramento das políticas públicas.

A fim de realizar-se, o projeto terá como eixo de pesquisa o Centro de Referência Especializado de Assistência Social- CREAS, do município de Campos Sales-CE, um estudo a campo ao qual escutará mulheres assistidas pela ferramenta de políticas públicas de Assistência Social, tendo como objetivo a instrumentalização de novas intervenções frente a atuação do psicólogo. A problemática é identificar quais as principais sequelas psicológicas enfrentadas por mulheres vítimas de violência doméstica.

O objetivo primário é refletir sobre as sequelas psicológicas vividas por mulheres que estão sendo ou foram vítimas de violência doméstica acompanhadas pelo Centro de

Referência Especializado de Assistência Social –CREAS na Cidade de Campos Sales-CE e objetivo secundário é investigar e conhecer o perfil social e econômico de mulheres vivem o contexto da violência, conhecer o contexto cultural em que vivem mulheres vítimas de violência doméstica incluindo fatores físicos e psicológicos e apresentar e/ou alinhar as intervenções e contribuições do profissional da psicologia a fim de amenizar o quadro dessa violência na vida das vítimas.

A justificativa referente ao presente trabalho surge como ponto pessoal pela experiência vivida em acompanhar a realidade de mulheres vítimas de violência doméstica e diante do exposto pensar numa contribuição e planejar o desenvolvimento de uma pesquisa onde o psicólogo, através de suas intervenções, seja facilitador e/ou intermediador e possa fazer com que as vítimas sejam/tornem-se autônomas, cientes e ativas nesse processo de enfrentamento, assim promovendo a saúde mental e bemestar de mulheres vítimas desse tipo de violência. Quanto ao conceito acadêmico se faz necessário novas contribuições a partir das que já existem para o enfrentamento e desenvolvimento de novas ferramentas de intervenções da psicologia com o propósito de auxiliar na manutenção, como também restabelecer a saúde mental no contexto de mulheres que foram/estão sendo vítimas de violência doméstica nos mais diversos ambientes. No cenário contemporâneo ainda é notória a violência presente em todos as escalas sociais e com isso acarreta índices que cada vez mais nos convocam como profissionais de psicologia a dar a nossa parcela de contribuição perante uma sociedade carente de um suporte psicológico, tendo em vista à saúde pública.

2 A VIOLÊNCIA COMO UM FENÔMENO COMPLEXO

A navegação pelos mais diversos meios de acessos a leituras, marcos histórico e atos em meio à existência humana, é deparada com a presença da violência. Para Minayo (2009) o termo “violência” discorre de qualquer conceituação exata que possa defini – lá como universal, ou seja, estamos nos referindo ao fenômeno complexo e de várias faces que afetam emocionalmente todos aqueles que presenciam, praticam e são vítimas. Até então é desconhecido uma sociedade que dentre seu histórico não seja ou tenha vivido atos violentos, seja ele de qualquer natureza tais como; econômico, cultural, religioso dentre outros. A violência ela não é um fator isolado ligado apenas ao humano, ela também é social, quando é usada a força, o poder, a dominação do indivíduo ou em uma coletividade, a fim de solucionar, mediar ou iniciar conflitos e quando esses atos ferem o emocional, físico, espiritual, a dignidade/moral de pessoas é de violência que nos referimos.

Visto que a violência torna-se viva durante os tempos como também se criam novas raízes imersas à sociedade, podemos brevemente pontuar a violência de gênero, onde em tempos passados era visto como algo natural ou naturalizado pela sociedade livremente presente em todo o marcos e classes sociais, ou seja, algo cultural presenciado, reproduzido como atos comuns. Então com o propósito de mudar, combater, denunciar, punir e “desnaturalizar”, destaca-se o fundamental papel dos movimentos em prol dos direitos humanos, tais como; movimentos feministas, estudantis, homossexuais, negros e outros com o objetivo de arrebatar os agravos sociais e papéis de submissão aos atos de violência (MINAYO, 2009).

Ao contextualizarmos brevemente a violência contra a mulher e seus diversos tipos, segundo Day et al (2003), o ato mais abusivo que fere os direitos humanos em todo o mundo está a violência contra mulheres, sendo o menos reconhecido até então. O ato da violência está relacionado a fatores situacionais, socioeconômico e cultural para que o abuso aconteça. A agressão pelo parceiro íntimo ou mesmo violência doméstica é um dispositivo chave para que as outras violências aconteçam e juntos as elas as consequências na vida da vítima.

Muitas vezes, as sequelas psicológicas do abuso são ainda mais graves que seus efeitos físicos. A experiência do abuso destrói a autoestima da mulher, expondo-a a um risco mais elevado de sofrer de problemas mentais, como depressão, fobia, estresse pós-traumático, tendência ao suicídio e consumo abusivo de álcool e drogas. (DAY et al, 2003, p.16).

Para Casique e Furegato (2006) devemos estar atentos para as severas sequelas deixadas pela violência contra a mulher cada uma dessas sequelas dentro do seu contexto como a psicológica, física e social, cada uma tem um impacto forte na saúde da vítima tanto fisicamente como; lesões, hematomas, invalidez, fibromialgias, fraturas, mudanças de peso e outros. As psicológicas são ansiedade, depressão, fobias, perda de autoestima, uso abusivo de álcool e drogas até mesmo suicídio dentro outros.

2.1 VIOLÊNCIAS DOS GÊNEROS

Falamos de razão e sociedade como também suas reais consequências marcadas por traços históricos, Chauí (2012) expressa que os filósofos da teoria crítica consideravam existentes duas categorias quando se falava em de razão ou dá razão à acontecimentos sociais, que vez geram demandas para o discurso e reflexão desses filósofos, sendo essas razões: a instrumental ou razão técnico científico voltado ao proveito e dominação, coerção e da

violência e razão crítica filosófica voltada as questões de conflitos sociais e políticas aqui apresentados como uma força catártica.

As mudanças acontecidas ao passar dos períodos serviam para asolução ou norteamento de tomadas de decisões para os conflitos sociais, políticos, culturais e as contradições acontecidas no transcorrido. E assim os colapsos passados eram vistos como ponto de racionalidade perante o presente conflito frente a uma nova e racional razão.

A violência não se prende a uma única definição, assume diversas faces, contextos e culturas, sendo assim estreitamente influenciada pela revisão sistemática de uma sociedade em constante evolução. A violência nos lares, contra mulheres permanecia até então dentro de um ambiente fechado e mudo sem que ninguém tivesse conhecimento do que realmente acontecia dentro dos seios familiares, mas isso foi rompido na metade do século passado pelos movimentos feministas que vieram e consigo trouxeram a voz de milhares de mulheres que estavam a mercê de uma violência que as tirava a voz e esse grito então só veio através dessas conquistas que, por ventura, também envolve as diversas conferências nacionais e internacionais que acontecerem durante todo o século XX e marcaram as conquistas e desafios no que diz respeito aos direitos humanos, desde a Carta das Nações Unidas (1945) até a Convenção interamericana para prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher - Convenção de Belém do Pará (1994), foram marcos decisivos e essenciais para a realização e desenvolvimento de eixos centralizados nos direitos humanos e mais ainda no enfrentamento de violência contra a mulher. (CASIQUE; FUREGATO, 2006).

Existe uma exibição notória dos homens sobre as mulheres, ao que tudo que um coloca o outro sempre a contesta, como uma real e sucinta dualidade de sexos, não muito diferente, mas toda dualidade geralmente é moldada a um conflito e com isso trás várias questões e pontuações sobre tal, visto isso ao longo do marco humano com as devidas interferências tragas por as mulheres e por suas ocupações de espaços, meio que os homens se sentiam ameaçados.

Para Beauvoir (2016) em termos econômicos, sociais, políticos e culturais é como se homens e mulheres fossem de duas classes distintas e opostas em termos de igualdades e circunstâncias, no que se referem a vantagens e possibilidades de consequências a suas concorrentes. Porém, a mulher muitas vezes não se nota-se enquanto sujeito ainda por não possuir os meios necessários para o tanto, porque ainda é presa ao laço em que a faz acreditar está preza ao homem sem reclamar sua mutualidade, por projetar no outro no caso o homem a figura de completude ideal.

Existem inúmeras maneiras e situações em que o homem tira proveito da particularidade que as mulheres possuem, para que já são marcadas por um complexo de inferioridade, assim não se encontra uma maior ou conotada arrogância, agressividade ou soberbo de sua masculinidade do homem frente à mulher. Beauvoir (2016, p.22) “os que se intimidam com seus semelhantes mostram-se também muito mais dispostos a reconhecer na mulher um semelhante”.

Ao devido entendimento sobre violência de gênero dentro do contexto que envolve mulheres Casique e Furegato (2006, p.03) mostram que:

A violência de gênero é aquela exercida pelos homens contra as mulheres, em que o gênero do agressor e o da vítima estão intimamente unidos à explicação desta violência. Dessa forma, afeta as mulheres pelo simples fato de serem deste sexo, ou seja, é a violência perpetrada pelos homens mantendo o controle e o domínio sobre as mulheres. Em todas as culturas do mundo, as mulheres vivem em condições de desigualdade social em relação aos homens. Estas desigualdades adquirem diferentes manifestações e magnitudes (CASIQUE; FUREGATO, 2006, p. 03).

Para o real entendimento ou percepção sobre violência de gênero requer o mínimo de conhecimento sobre o caráter social e a influência detentora de muitos fatores até hoje sobre a configuração e exposição da mulher como algo inferior ao homem, diante disso fica claro que a cultura tem mais influência do que a própria descrição natural e biológica do ser humano, no caso da violência de gênero acontece a exacerbada exibição da imagem do homem e com isso as mulheres vivem em constante desigualdades relacionadas as diversas culturas e sociedades.

2.2 AS FORMAS DE VIOLÊNCIA E SUAS CARACTERIZAÇÕES FRENTE À SOCIEDADE.

Em uma conjuntura social ao qual passamos por transformações e mudanças a todo o momento é natural que a violência social e suas faces também sejam alteradas com as influências inseridas em meio a nossa cultura, política, economia e outros fatores, ou seja, cada sociedade apresenta uma forma singular e particular em expressar a violência social. Para Minayo (2009) a violência social não é algo isolado, ela atribui relação a outros tipos de violência, por exemplo, a violência cultural; quer dizer uma forma de sentir, agir pensar como algo natural. A violência está presente em todas as classes sociais e dentro de cada um de nós, como um construto filosófico social. Diante da ideia renascentista e digna de que o homem é o centro do universo, posta a figura masculina destinada a coordenar a natureza e a sociedade, daí as primeiras ideias de civilização.

Por ser histórica e por ter a cara da sociedade que a produz, a violência pode aumentar ou diminuir pela força da construção social. Suas formas mais cruéis – que ocorrem nos níveis coletivos, individuais e privados – precisam ser analisadas junto com as modalidades mais sutis, escondidas e simbólicas, de forma muito profunda e aberta, para que todos possam colaborar. Afinal, todos são atores e vítimas. (MINAYO, 2009, p. 25).

Para Carneiro (2010), mudanças contemporâneas sociais dentre elas as familiares e relações de gêneros foram e estão sendo instrumentos de estudo e pensamentos vistos de diferentes ângulos e consequência disso foram conotados como ações e desenvolvimento de determinantes transformações dentro dos arranjos familiares e sociais, pontos marcantes desses fatos foram às lutas e o papel fundamental do feminismo pelas igualdades de gênero e a ampliação da democracia.

Apesar de que após absorção das ideias feministas e democráticas apresentem falhas nas execuções e não acabem sendo desenvolvidas dentro do que diz a democracia, é inquestionável os impactos causados em meio a todo o contexto social, cultural, científico, econômico e outros. Com o tempo, o questionamento e poder do homem sobre a mulher veio e está sendo cada vez mais levantado como assunto contemporâneo e que mereça ser visto como algo positivo e efeito causado na sociedade se dizem em um processo que a mulher vem sendo grande revolucionária, a partir do momento em que cada vez mais ocupam maior espaço, onde antes era apenas de ordem masculina, ou seja, adentrou ao mercado de trabalho, passou a ocupar os mesmos cargos, posições sociais, passou a adquirir e usufruir de novos direitos, colocando seu cotidiano uma figuração de autonomia e libertação. São presentes ainda nos dias atuais apesar de tantas lutas e vitórias a marcante figura do patriarcado e paternalismo capitalista que ainda impossibilitam que a igualdade aconteça de fato e seja realmente posta como algo natural e não imposto por leis, direitos e etc.

Em meio a um contexto de marcos e avanços de ocupação do feminismo e das mulheres presente uma sociedade ainda machista, podemos relatar a Lei Maria da Penha nº 11.340/06, homenageou uma mulher cearense que por 20 anos foi vítima de violência doméstica. Após a vigência da lei, surgem no Brasil novas reflexões dentro da constitucionalidade. Inicialmente foi pontuada como algo que fere o princípio dos homens, por beneficiar apenas as mulheres, mas logo teve uma nova conotação como mecanismo de proteção e punição, para as vítimas em geral que foram ou estão enquadradas em uma situação de violência doméstica/intrafamiliar hoje disponibilizadas também para homens. Uma isonomia que busca a igualdade de direitos sociais, incluindo a grande parcela da

população brasileira de perfil vulnerável e suscetível a vulnerabilidade social. (MINISTÉRIO PÚBLICO, 2011).

Um ato revolucionário e de grande impacto na região do cariri, é que a cidade de Juazeiro do Norte-CE, poderá adotar nas escolas da rede pública o ensino da Lei Maria da Penha, junto a outras atividades que compõem a grade curricular, uma proposta já aprovada pelo legislativo, a proposta surge como mais uma ferramenta de enfrentamento a violência doméstica contra as mulheres do município, como a redução ou mesmo erradicação dos atos violentos praticado contra as mulheres, devido ao machismo ainda bastante presente como também combater a intolerância de gênero. Situações culturais relacionadas ao comportamento dos homens em se colocar como superior a mulher, então a proposta irá servir para desconstruir a figura de superioridade do homem, como questões machistas, patriarcais, preconceituosas de intolerância e desrespeito a questões humanas. As crianças serão educadas logo nos primeiros anos a desenvolver conhecimento e respeito a questões de direitos humanos, igualdade de gênero, respeito a diversidade e respeito ao próximo como ferramenta de luta. (ROQUE, 2018).

3 MÉTODO

3.1. TIPO DE PESQUISA.

A pesquisa se classifica em caráter subjetivo, valorativo e descritivo enquadra-se como qualitativo e pesquisa de campo. Usando como metodologia de produção de dados entrevistas e questionário e como metodologia de análise dos dados será feito a análise do conteúdo. Para Bardin (2009) esse instrumento serve de parâmetro para que haja comunicação entre as áreas de ciências humanas de forma qualitativa e/ou quantitativa, ou seja, estamos falando de um aparecimento ou expansão de estudos e conhecimentos de fenômenos empíricos que devam ser clarificados, entendidos, classificados, interpretados e dentre outros pelos seus métodos.

3.2. LOCAL DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada no Centro de Referência Especializado de Assistência Social-CREAS na cidade de Campos Sales-CE. O município tem aproximadamente 27.409 habitantes (IBGE 2018).O Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), é uma unidade pública da política de Assistência Social onde são atendidas

famílias e pessoas que estão em situação de risco social ou tiveram seus direitos violados. Tendo como público atendido; Famílias e indivíduos em situação de risco pessoal e social, com violação de direitos, como: violência física, psicológica e/ou negligência; violência sexual; afastamento do convívio familiar devido à aplicação de medida de proteção; violência doméstica contra a mulher, situação de rua; abandono; trabalho infantil; discriminação por orientação sexual e/ou raça/etnia; descumprimento de condicionalidades do Programa Bolsa Família em decorrência de violação de direitos; cumprimento de medidas socioeducativas em meio aberto de Liberdade Assistida e de Prestação de Serviços à Comunidade por adolescentes, responsável também por prestar suporte a Casa de Acolhimento Menino Expedito (CAME) e entre outras. Nessa direção, a oferta de serviços especializados pelo CREAS deve orientar-se pela garantia das seguranças socioassistenciais, conforme previsto na PNAS (Plano Nacional de Assistência Social), na Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais, O principal objetivo é o resgate da família, potencializando sua capacidade de proteção aos membros. Fortalecer a autoestima dos indivíduos usuários, e seus familiares, para que haja fortalecimento entre os membros da família e reinserção dos mesmos na sociedade.

O trabalho do CREAS não funciona sem o envolvimento efetivo da sociedade e de seus segmentos. Dessa forma, para que haja uma intervenção efetiva, o CREAS deverá manter estreita relação com entidades de atendimento de âmbito governamental e não-governamental e contar com a colaboração da população do município denunciando casos ou suspeita de violência.

O porte do município enquadra-se como pequeno porte II, desse modo a CREAS pode atender até 50 casos mensais, dentre eles casos de violência doméstica contra mulheres da sede e zona rural.

4.3. PERÍODO DE ESTUDO

O levantamento de dados teóricos para a fundamentação da pesquisa tais como; artigos, livros físicos e on-line, Google acadêmico, Scielo e cartilhas do MDS (Ministério do Desenvolvimento Social) foram realizados nos meses de Julho e Outubro de 2018, acrescentando como palavras chaves de pesquisa: violência doméstica, mulher e sequelas psicológicas, para a devida submissão do projeto ao Comitê de Ética no mês de Setembro.

O período de estudo se deu em outubro de 2018, seguido do levantamento dos dados, a pesquisa e seu desenvolvimento foi realizada por meio de busca voltada ao eixo central,

que é a violência doméstica contra mulheres; a partir do material coletado se deu a execução da metodologia ativa.

3.4. SUJEITOS DA PESQUISA

A população da pesquisa foi constituída por mulheres residentes na cidade de Campos Sales-CE. Os critérios de inclusão se deram; a uma amostragem de 05 (Cinco) mulheres dentre 18 (Dezoito) à 59 (Cinquenta e Nove) anos de idade, assistidas pelo CREAS de Campos Sales-CE. Os critérios de exclusão se deram: a participantes que não habitem no referido município, inferior a 18 anos de idade, maior do que 59 anos e que não estejam em condições físicas, cognitivas e/ou emocionais para participar da pesquisa. Todas as participantes estavam cientes da pesquisa como também houve o respaldo dos termos de consentimento livre e esclarecido, termo de consentimento pós esclarecido e termo de autorização de uso de voz e/ou imagem assinados por todas as participantes.

A pesquisa foi submetida a apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio de acordo com a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde e feita a leitura que atende a resolução nº 510, de 07 de Abril de 2016, pelo qual o sujeito participante foi informado dos objetivos da pesquisa, dos benefícios e riscos de participar desta, do sigilo em relação a sua fala e o anonimato, além de ser informado que a qualquer momento poderia se retirar da pesquisa através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Porém devido à apreciação do mesmo, o projeto não correu em tempo hábil para a devida submissão, contudo segue todas as orientações legais para o desenvolvimento.

3.5. INSTRUMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Identificada à amostragem as mesmas inicialmente mais uma vez foram esclarecidas qual finalidade da pesquisa e responderam um questionário aplicado individual preservando o anonimato de cada participante visto o que tange o respeito e cuidado as questões éticas e morais no que diz respeito aos direitos humanos e universais, com questões fechadas previamente preparadas com perguntas específicas ao objeto de estudo, que para Bardin (2009) seja através de palavras indutoras que facilitem o entendimento e ciência da pesquisa. O instrumento contou com o auxílio do pesquisador, ao final as participantes devolveram o questionário ao aplicador para devida tabulação e análise de conteúdo.

O segundo momento da pesquisa para a obtenção de dados foi através de uma entrevista individual usando por base o questionário preenchido no momento anterior, logo em seguida o pesquisador lançou uma pergunta norteadora para que a conversa flua de forma naturalizada como, por exemplo: como você descreve seu dia com seu marido/parceiro/conjuge? E através desses relatos (gravados e transcritos) foi feito o levantamento da demanda e seu devido conteúdo a fim de o psicólogo pode propor novas intervenções para o enfrentamento a tal situação.

O terceiro momento se deu através da tabulação e análise dos dados coletados, trazendo um demonstrativo da atual situação dessas vítimas e por fim deixar elencar novas propostas de intervenções que possam servir como dados para futuras ações de desenvolvimento de novos rumos a políticas públicas voltadas as mulheres vítimas de violência doméstica na cidade de Campos Sales-CE.

Quanto aos ricos da pesquisa ocorreu dentro dos padrões estabelecidos ao qual o objetivo foi assegurar a integridade e bem estar, visto isso das 05 (cinco) que compuseram a amostra da pesquisa, 01 (uma) das participantes optou em desistir da pesquisa, afirmando não estar bem para responder as perguntas, estando ciente que a qualquer momento poderia se desligar da pesquisa por livre e espontânea vontade, dessa forma a mesma foi encaminhada para assistência profissional e acompanhamento psicológico dessa forma a amostragem da pesquisa segue composta por 04 (quatro) participantes.

Os benefícios da pesquisa foram notados em meio a todo o seu processo, quando se pode atentar o mesmo que de forma tão prévia uma evidente sensação de bem estar das participantes enquanto participavam da pesquisa, diante disso podemos pensar propostas integrativas de ampliar esse momento e propor a coordenação e equipe multiprofissional a implementação de rodas de conversas mais presentes na instituição, visto a discursos das participantes em serem ouvidas e notadas melhoria na autoestima e também as orientações e suporte profissional para encaminhamento para enfrentamento da violência além do CREAS, ou seja em busca da rede de proteção aos direitos das mulheres que foram vítimas da violência doméstica.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO DE DADOS.

A análise dos dados refere-se à amostragem da população onde quatro participantes que serão tratadas por nomes fictícios para assegurar a integridade e anonimato sendo elas; Margarida, 19 anos, Jasmim, 20 anos, Gérbera, 24 anos e Orquídea 43 anos, responderam ao

questionário que foi dividido em duas partes, onde a primeira apontou questões demográficas, socioeconômicas e culturais; a segunda com perguntas específicas sobre violência doméstica, incluindo ações de seus agressores no cotidiano, visando que alguma participante poderia estar sendo vítima e não perceber tal violência propondo assim um processo de sensibilização e consciência diante dos fatos. Essa ideia é corroborada pelos autores Casique e Furegato (2006) que presente a violência doméstica as vítimas se sentem menosprezadas, dessa forma não buscam ajuda, pois são sucumbidas por seus agressores e alimentadas com a afirmação de que as mesmas tem que viver naquela situação, onde são manipuladas por questões afetivas, como amor aos filhos, por chantagens emocionais ditas pelo próprio agressor de que vai mudar, dependência financeira e mesmo ameaças de morte, o que lhe causam medo e as impossibilitando de buscar ajuda. E continuando o processo da pesquisa foram entrevistadas individualmente.

Diante disso, os dados levantados começaram a dar norteamento e alinhamento para o alcance do objetivo geral da pesquisa. Finalizado o período de coleta, inicia-se a execução de análise de conteúdo individual de cada participante, onde inicialmente percebe-se que mesmo estando assistidas no mesmo local, os fatores de: moradia, nível de escolaridade, tempos de vivência com seus atuais ou ex agressores e formas em que os relacionamentos acontecem/ aconteciam, aspectos socioeconômicos, culturais e familiares são distintos dentro de cada discurso, o que enriqueceu ainda mais a pesquisa, ou seja estamos falando de fatores que surgiram durante todo o processo e que contribuíram diretamente para o resultado final. Essas distinções serão discutidas ao decorrer da análise de conteúdo dentro de cada categoria tais como; amparo e/ou desamparo de família e amigos, impotência frente ao contexto da violência, baixa autoestima/ autoimagem e sensação de medo e insegurança posta pelo agressor, aqui analisadas detalhadamente.

4.1 AMPARO E/ OU DESAMPARO DA FAMÍLIA E AMIGOS.

A família se constitui como fator essencial para a construção da imagem social do sujeito, junto a isso seu suporte torna-se de grande importância para o enfrentamento de qualquer fator que gere estresse e que possa vir à comprometer a saúde mental, servindo assim de base alicerçal (SOUZA; BAPTISTA; ALVES, 2008).

[...] minha mãe sempre perguntava por que eu não tinha outro relacionamento eu falei que não eu não me sentia segura! ela dizia : não, é porque você ainda gosta

dele, ai eu disse: eu não gosto dele! Isso me doía muito, pois se nem minha mãe acreditava no que eu tava passando a quem eu ia contar isso? (GERBERA, 2018).

[...] e isso me incentivava cada vez mais a querer cometer suicídio porque eu não tenho apoio da minha mãe eu não queria contar meu pai porque ele não estava aqui. (GERBERA,2018).

Esse trecho indagado por Gérbera refere-se ao início da entrevista que no momento é conotado como desamparo familiar e social, pois se sente na posição oprimida de um objeto de violência, onde a sociedade ainda de cunho patriarcal se apresenta dentro da construção e cultura da própria violência um amparo naturalizado do que é exposto.

[...] e quando eu decidi, eu mandei esse texto para meu irmão Charles e ele ficou desesperado e juntou todo mundo e foi lá para minha casa e que eu decidi contar para minha mãe que estava acontecendo e eu nunca tinha pedido um abraço dela nunca, nunca tinha chegado para pedir um abraço dela e foi nesse dia que eu disse: mãe eu estou com medo, vai acontecer. (GERBERA, 2018).

É nítida a impotência da vítima nesse momento onde é exposta apenas como um objeto que estrutura o quadro da violência o medo entoa como figura central de que algo de pior possa vir a acontece, então mediante a isso o olhar lançado para o momento é a fragilização do sujeito em ficar cada vez mais fragilizado, isso quando se percebe intimidado pelo o que o agressor apresenta o que fica claro a figura de superioridade expressa na relação de violência de gênero, ou seja, o homem como detentor único de um poder e centralizador de uma verdade única e absoluta.

[...] e foi quando eu decidi que eu ia denunciar, meus amigos me deram forças. (GERBERA,2018).

[...] eu consegui contar para minha mãe, para minha irmã o que estava acontecendo, e aí nelas eu encontrei um apoio que eu juro que eu não sabia que eu ia encontrar, e elas me apoiaram, estão me apoiando até agora. (JASMIM, 2018).

Jasmim é mãe, tem o apoio da família e conta com esse laço afetivo como base para enfrentamento da violência causada por seu ex-marido, além disso, diz receber acolhimento não só família mais de uma amiga que lhe orienta a buscar melhorias e a superar esse quadro. Diante disso é notável que o sujeito contanto com essa relação de afeto com os mais próximos podem ajudar ao empoderamento e devido suporte para enfrentamento ao quadro de violência como também as questões subjetivas relacionadas à autoafirmação, enfrentamento a visão social de uma cultura ainda viva em nossa sociedade que em pleno século XXI ainda encontramos um sistema patriarcal, machista e preconceituoso.

[...] e aí eu procurei ajuda de uma amiga mais próxima contei tudo que tava acontecendo e ela me aconselhou ai ir para casa dos meus pais o mais rápido possível. (JASMIM,2018).

[...] estou perdendo meus amigos só não tô perdendo meus filhos porque eu ainda estou forte esse lado. (ORQUIDEA, 2018).

Orquídea dentre as participantes é a que tem mais idade, 43 anos, mãe de três filhos, nesse trecho de discurso fica claro seu amor e dedicação aos filhos, quando os coloca acima de tudo, onde mais uma vez é notório o impacto da família como enfrentamento ao quadro da violência. Destaca-se o perfil da participante por ser casada e o contexto da sua violência dar-se pelo motivo de viver um relacionamento extraconjugal e o agressor ser seu amante, esse a quem teme e a faz ameaças constantes.

4.2 IMPOTÊNCIAS FRENTE AO CONTEXTO DA VIOLÊNCIA.

Para Martín (2005), algumas das sequelas mais severas e agressivas ao ato da tortura têm suas consequências e levam as vítimas a comportamentos tais como; regressivos, lutos com lacunas de elaboração, ansiedade, angustias relatadas, quadros de surtos psicóticos, isolamentos, perda temporária da memória e tornam-se quadros associados à violência traumatizantes para as vítimas.

[...] só que no domingo eu, eu tive surtos não lembro o que aconteceu, eu ficava batendo em cima da cama e eu via ele como estivesse ali no meio de todo mundo, todos os meus amigos como se ele estivesse ali, eu ficava me batendo eu só queria que todo mundo sáísse de perto de mim, inclusive meus amigos contaram que eu eles me seguraram em cima da cama. (GERBERA,2018).

O surto nesse momento aparece como algo que desorganiza o sujeito frente ao seu próprio funcionamento psíquico, pelo fato de desestrutura e estrutura ao mesmo tempo, no que diz respeito a perspectiva da violência como estruturante de levar o sujeito quanto objeto que reconhecendo-se quanto propriedade do outro e desestruturante, desde modo leva a vítima ao lugar de objeto da violação, desse modo incapacitando-a no processo de empoderamento, por no momento sentir-se apenas como mero objetificação.

Durante esse momento é notável o quão a vítima ainda fragilizada pela violência altera o comportamento ao relatar tal fato, a expressão corporal, a fala o discurso por um momento fica desalinhado notado certo desconforto, porém passageiro quando a mesma começa a relatar outras coisas.

Quando propomos fatos importantes, Martín (2005) complementa em um dos pontos de vista de Freud e a psicanálise é que o trauma é aquilo que marca, remete-se a vida psíquica do indivíduo, a causa por muitas vezes como durabilidade de curto prazo de tempo, porém é suficiente para que sejam ou tornem-se permanentes no aparelho psíquico sujeito.

[...] e hoje não posso mais fazer nada disso por causa dos traumas que eu vivo na minha vida, e isso me causa trauma, trauma, uma tristeza, não tenho mais alegria, é isso, a gente vive numa prisão, aí eu não me sinto mais aquela pessoa que eu era, extrovertida, linda,divertida, eu gostava de me arrumar, gostava de sair. (ORQUIDEA, 2018).

Podemos perceber que nesse trecho do discurso da entrevista, a participante trás a tona os traumas e as consequências destes ainda presentes na sua vida, no seu cotidiano, por viver triste, sem alegria, relacionando como se estivesse em uma prisão, prisão essa que podemos entender como a subjetividade, privação da liberdade em não poder libertar-se de algo que a faz sofrer, ou seja, produto de eventos traumatizantes presentes na sua história, que a impedem de resgatar tal sensação de liberdade.

Segundo Minayo (2009) um fenômeno que vem crescendo nos últimos anos, como consequência aos atos violentos, crescimento esse característico entre jovens e idosos, podendo ser identificados como alguns sintomas sociais, onde podemos citar a violência autoinfligida, ou seja, o suicídio, automutilações e tentativas de tirar a própria vida, isso é usado como válvula de escape das vítimas como forma de amenizar as dores ou mesmo resolver o dito “problema”.

[...] e em um desses textos eu decidi que eu ia me matar que eu queria me, matar porque, eu tava decidida naquela hora.
 [...] e isso me incentivava cada vez mais a querer cometer suicídio.
 [...] eu comecei a colocar na minha cabeça que queria me suicidar não sabia como tirar aquela dor que tava angustiante, tava doendo de mais e eu não conseguia inclusive eu comecei a me cortar, inclusive eu me cortei uma vez, foi pouco a primeira, só que aí eu chorei, chorei e passou tudo e eu disse foi ali foi uma forma que eu achei que toda vez que eu fosse me cortar ia passar e eu ia sair tudo que eu tava sentindo,só que cada vez isso eia me ajudando mais e mais, e eu ia me cortando cada vez mais. (GERBERA, 2018).

Gérbera foi uma das entrevistadas a qual trouxe uma maior conceituação a práxis da pesquisa como num todo, onde inicialmente percorre um discurso aos principais pontos, alinhando-se ao objetivo primário do referido estudo, pois trás em sua fala pontuações específicas e claras deixando entendida a imagem de impotência frente à violência e pondouma realidade nos aspectos psicológicos, ao remeter-se as ideias suicidas e

automutilação ao indagar sua angústia, sensação de medo e insegurança ao que mais será exposto nas próximas categorias.

Em momento a figura mutilada de uma mulher que se encontra estigmatizada, sufocada com seus próprios anseios causados pela violência, desestruturando-a como sujeito de vontades e desejos, perante a uma ação do psicólogo que a lança um olhar libertador, mostrando-se como uma figura empática que mesmo perante a uma sociedade que naturaliza a violência a ver como um sujeito de vontade e com isso respeita todas as colocações e atitudes, nesse momento o papel do psicólogo pode ser algo impactante que parcialmente possa romper com o paradigma que é natural ser objeto do outro.

“Nenhum sujeito se define imediata e espontaneamente como o inessencial; não é o outro que se definindo como outro define o um; ele é posto como outro pelo um definindo-se como um”. (BEAUVOIR, 2016, p. 14).

Estamos frente a uma vítima de 24 anos, universitária, no momento encontra-se assustada em adentrar em outro relacionamento, porque ainda na entrevista fala que teme a qualquer momento que; isso volte acontecer, a vítima vive com a mãe, mora em um bairro da periferia, assume ter feito uso de medicamento devido aos surtos psicóticos citados anteriormente nessa análise causados pelo agressor, atualmente está sobe conduta da justiça, denunciou o agressor, e está em medida protetiva pela Lei Maria da Penha (11.340/06).

O efeito do estresse está marcado como um dos fatores que se relacionam diretamente com as sequelas psicológicas que afetam diretamente vítimas expostas ao contexto da violência doméstica, para Oliveira e Jorge (2007), os efeitos emocionais são ativados, e com isso acontece uma sequência de acontecimentos tais como; explosões emocionais, declínio do entusiasmo, mudanças de comportamentos e rotinas, o estresse e a fobia se destacam como evolução de quadros mais severos que podem repercutir mais tarde na vida das vítimas, como também o fator estresse pode incorporar imprevisibilidade comportamentais.

Há eu me sinto estressada sabe! as vezes eu fico muito estressada por causa disso.
[...] chega eu não aguento mais, estou no limite, chega sabe, eu queria saber como poderia chegar ao fim disso, se ver livre daquilo, que eu estou perdendo minha vida.
(ORQUIDEA, 2018).

Quando remetido ao estresse a entrevistada reage nitidamente ao contexto de exaustão, direcionando-me um olhar único de cansaço, nesse momento percebe o quão benéfico pode se tornar o trabalho do profissional de psicologia junto a essa situação, no caso de Orquídea por está vivendo um relacionamento extraconjugal ao qual o agressor é o amante, pôde perceber que a ela também é atribuído um sentimento de tristeza: “tenho culpa e arrependimento de ter

deixado a situação chegar a esse ponto, eu queria me afastar, mas não consigo” (SIC). Ao final da entrevista é demonstrado um sentimento de solidão e amparo ao abraçar-me e diz se sentir aliviada em ter contato algo que há machucava tanto tempo por dentro, mas que sentia vergonha de falar e acaba chorando.

Ainda prosseguindo com as sequelas mais severas e marcantes na vida de vítimas da violência doméstica, dentre elas mulheres, Day et al (2003) refere-se que o teor de sequelas psicológicas são mais severas do que propriamente sequelas físicas, pois elas podem levar as vítimas ao desenvolvimento de doenças mentais; como depressão, tentativa ao suicídio, fobias, estresses pós-traumáticos e relacionando-se também a auto estima.

[...] não é só agressão física, é uma agressão psicológica, que são marcas que você vai ter que carregar para resto de sua vida, e que não são fáceis, as discussões já eram mais agressivas verbalmente.(JASMIM, 2018).

[...] ele me agredia psicologicamente, ele me fazia acreditar que a culpa de tudo aquilo era minha e que eu não tenho valor nenhum quanto tudo acabou eu me olhei no espelho e eu me sentia a pior pessoa do mundo (choro).(JASMIM, 2018).

[...] doía psicologicamente, eu não tinha coragem de contar para minha mãe, para meu pai, porque tinha vergonha. (JASMIM, 2018).

[...] marcada por palavras, coisas que ele diz comigo, me xingando direto, eu me sinto horrível, abandonada, sozinha. (MARGARIDA, 2018).

Durante esse momento o objetivo primário da pesquisa tornou-se evidente nos discursos, expressões, sentimentos entoados e principalmente pela ligação empática entre pesquisador e participantes, onde foi firmada a segurança ao expor o conteúdo ali presente na vida das mulheres que trouxeram de forma tão nítida seus sofrimentos e esquivas de como se dão com tal realidade, a partir de então pude perceber quão as intervenções podem sim ser realinhadas e aproveitadas para provocar tal mudança e dignidade como também à melhoria do aspecto em saúde mental das vítimas, tudo isso posta a figura do psicólogo como um olhar diferencial, dando vez e voz, diferente de todos que até então foram lançados a vítima.

Ainda ao alcance do pensamento de Day et al (2003), em percorrer os tipos de violência e suas facetas que coloca a vítima em posição inferior como também deixando-a vulnerável e a exposição do agressor ressaltasse a violência física, psicológica e sexual.

[...] eu estou conseguindo me reergue, no momento ainda não é fácil porque as marcas físicas elas já estão cicatrizadas, eu tenho duas ou três manchinhas roxas ainda em minha pele, mas as psicológicas, essas eu sei que não vai se apagar porque eu vou ter que conviver com elas para o resto da vida. (JASMIM, 2018).

De acordo com Viana; Bomfim e Chicone (2006) a violência sexual vem se agravando nos últimos tempos, esse tipo de violência deixa as vítimas mais vulneráveis a outros tipos de violência, assim como as sequelas psicológicas são as mais severas possíveis, podendo desenvolver quadros depressivos, uso de álcool, drogas e ideias suicidas.

[...] a gente já não se respeitavam mais chegou ao limite, que foi o dia em que ele partiu para agressão, e aí ele me agrediu fisicamente em Setembro de 2018, ele me batia e ainda mais do que isso ele me violentou sexualmente, me violentou sexualmente durante 04 horas e meia que durou uma tarde inteira. (JASMIM,2018).

Visto nesse momento pela vítima um olhar de culpabilização e responsabilidade gerada por um sistema social, de preconceito, estigmatização da figura da mulher, uma violência ainda estruturada pela sociedade. O psicólogo pode mover o diferencial a partir do momento que coloca em prática a imersão da subjetividade humana, fazendo com que a vítima possa perceber seu olhar peculiar diferente do que é direcionada a vítima como o do agressor e social, esses que causam um grande impacto subjetivo de valor qualitativo na vida e cotidiano da mesma.

4.3 BAIXO AUTOESTIMA E AUTOIMAGEM

Para Adeodatoetal (2005) a violência parte de um processo de múltiplas causas, ao qual desenvolve diversos danos e consequências, sejam eles breves ou duradouros, imediatos ou tardes, o impacto na vida da vítima junto ao efeito, compromete diretamente aspectos relacionados por exemplo; a fragilização da vítima, sua autoimagem e auto estima, deixando-a como sujeito de vitimização, fazendo-a aceitar tal condição pelo fato de ser mulher, merecer o fato da violência, se sentir menos valorizada e quase ou sem condições de gerir sua própria defesa.

[...] e a gente vai perdendo a autoestima sabe, perde a vontade de tudo, em sair, em conversar com os amigos e tive me afastar um pouco de minha família. (ORQUÍDEA, 2018).

Um dos momentos mais marcantes durante a pesquisa, nesse momento a entrevistada Orquídea apresenta muita emoção ao falar de sua autoestima, a mesma enquanto direcionava sua fala olhava para algumas partes do corpo como; mãos, braços, cabelos, unhas e chegando a acariciar o próprio rosto, dizendo: “não me sinto mais aquela pessoa que eu era” (SIC). A leitura feita foi de um sentimento de tristeza, de alguém que perdeu a própria imagem no

tempo, e que é marcado por acontecimentos que a roubam o sorriso e desconstroem a cada episódio de violência traços de sua verdadeira identidade, restando assim uma mulher aparentemente com baixa autoestima evidenciada durante a entrevista.

A relação da autoestima e as variações contextuais em que a violência acontecem; para Viana; Bomfim e Chicone (2006) acometem diretamente o quadro emocional da vítima com o que é lhe dito pelo agressor, fazendo-a se sentir inferior, menosprezada, produzindo em si mesmo uma imagem de inferioridade, fraqueza e impotência, estando essa na posição vulnerável.

[...] não posso mais vestir uma roupa que eu goste, perdi a metade da minha autoestima, tá lá embaixo, não sou mais aquela pessoa que eu sou mais, passo de meses sem me arrumar, sem tirar sobancelha, sem ir no salão, sem fazer nada (ORQUIDEA, 2018).

[...] ele diz que vai se separar e vai para casa de outra fazer pouco de minha cara, e eu fico desgostosa, triste, abandonada, ai bate uma saudade do que eu era antes, por ser outra pessoa (MARGARIDA, 2018).

A autoestima está relacionada à violência psicológica, fica claro quando as participantes indagam a falta de realizações, mostrando-se como conceituam os autores em questão um quadro de baixa autoestima e distorção de imagem, mais uma vez a clareza das sequelas de uma violência que maltrata e mutila a subjetividade humana, principalmente de mulheres vulneráveis que encontram dificuldades a mais por estarem em uma condição social estigmatizada.

4.4 SENSACÃO DE MEDO E INSEGURANÇA DIANTE DO AGRESSOR.

Para Beauvoir (2016), a mulher em meio ao contexto relacionado ao patriarcado sempre foi uma escrava do homem e mesmo após a evolução os dois nunca compartilharam de forma igualitária em condições de direitos, o homem sempre presente uma oportunidade tira proveito em relação à mulher, ou seja, como a hierarquia entre os sexos foi estabelecida, uma quer impor a outra uma conotação de superioridade, a figura do macho molda o mundo impondo uma colocação de soberania sobre o outro.

Os atos de violência contra a mulher em seu ambiente complexo e diverso que resulte em realização de ameaças pelo parceiro, coerção e incluindo a contenção da liberdade pode ser definido como violência de gênero (DAY et al, 2003).

São dias de vexame, de pressão, de ameaças se você não é minha você não é de ninguém.

[...] 24 horas ligando para mim, onde você esta? Que roupa você ta? Com quem você ta? Sabe é aquela pressão.

[...] com isso eu não tenho atitude de resolver o meu problema porque eu sinto medo.

[...] porque ele me ameaça em quase todos os sentidos.

[...] não consigo mais, o medo de eu sair fora, mas justamente o fato do medo que ele não deixa né.

[...] eu queria uma solução para isso, se eu me libertar desse medo, dessas ameaças. (ORQUIDEA, 2018).

É notório durante a entrevista que Orquídea demonstra um medo excessivo de seu agressor, repete várias vezes o mesmo trecho pontuando sempre a palavras medo e ameaça, percebe-se a sensação que a mesma sente em relação ao sentimento de insegurança em ficar sozinha com o agressor, voltando ao pensamento dos autores que se torna mais firme a figura agressiva de quem impõe o poder junto à agressão e também é visível que a entrevista se coloca como inferior e frágil.

Os relatos de Silva; Coelho e Caponi (2007) sobre a violência psicológica sempre está atrelada as outras violências, pois sempre em meio a um chute, tapa, beliscão ou mesmo o ato sexual forçado o agressor sempre expressa palavra de ofensas, ridiculariza e humilha a vítima muitas vezes em forma de ameaças.

Eu tenho vontade de enfrentar, bater de frente com aquilo, mas eu sou mais fraca de que tudo, eu sou fraca, tenho medo das ameaças, que me mete um medo forte. (ORQUIDEA,2018).

[...] sempre passava uma semana, duas semanas e voltava tudo ao normal, ele voltava a me ameaçar de novo, começava a mandar a foto de arma, bala, dinheiro, dizia que tinha dinheiro para fugir, que ia ligar para minha mãe avisando do que ia acontecer. (GERBERA, 2018).

Dentro dessa categoria todas as participantes trouxeram o medo de que algo pudesse acontecer, pois viam no agressor a imagem de superioridade que lhe acometerá medo e insegurança, causando-lhe essa impotência de que não poderia ir além, nesse momento pude me deparar com a imagem de mulheres fragilizadas, inseguras e assustadas. Porém ao final da entrevista a interpretação tida é que existe, por menor que seja um desejo de realização para o livramento de tanto sofrimento psíquico expressado ali por todas as participantes.

E ali a figura do psicólogo busca o sujeito/vítima ainda existente, afim de levá-lo a refletir, as relações de cuidado, de realinhamento e reorganização da vida, a possibilidade de um recomeço sem julgamentos, preconceitos, imposições, ou seja uma liberdade ainda presente porém ainda submersa no contexto de sofrimento porem ainda possível de um resgate.

Os tons de ameaças que privem, coíbam, ridicularizem e/ou até evidenciem a expressão e liberdade de mulher, para Vianna, Bomfim e Chicone (2007) também são atos de violência doméstica, sejam eles ocasionados em contexto público ou privados.

[...] mas aí foi passando os dias foi aumentando ameaça o nível foi aumentando as palavras que ele falou foi aumentando e eu fui colocando na cabeça vai acontecer, vai me matar ninguém vai saber, ele vai fugir, vai seguir a vida dele normal e quem vai sofrer são meus pais.

[...] sempre passava uma semana, duas semanas e voltava tudo ao normal, ele voltava a me ameaçar de novo, começava a mandar a foto de arma, bala, dinheiro dizia que tinha dinheiro para fugir, que eu ligar para minha mãe avisando do que ia acontecer.

[...] porém eu não vou mentir que por muitas vezes é mais forte do que eu, mais eu estou aprendendo a lidar com isso, mais eu não sei o que pode vir à acontecer, eu não vou dizer que eu não tenho medo, porque eu ainda tenho muito medo, eu acho que vai voltar tudo de novo, que por exemplo: se ele me ver com alguma pessoa ele vai voltar a me ameaçar novamente. (GERBERA, 2018).

O medo tão remetido diversas vezes pelas participantes se torna claro quando falam de seus agressores, Gérbera chegou a tentativa de suicídio por tão forte ter sido pressionada pelo agressor, chegando a surtar, tomar medicamentos e procurar ajuda profissional. No final da entrevista ela se diz aliviada, diz que vai procurar ajuda psicológica para continuar o acompanhamento e diz estar disposta a enfrentar todos seus medos em busca de uma vida melhor e de qualidade, que mesmo após tantas sequelas deixadas ao rasto da violência ao qual viveu busca a ressignificação para seguir seus dias mesmo marcados por atos violentos, diante disso é notório o quão um suporte profissional pode ser decisório para que a vítima tome ciência desse processo e possa ir além, em busca de melhorias em todos os aspectos de vida, principalmente no que tange saúde mental e bem estar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Durante o progresso da pesquisa um dos principais resultados observados frente ao objetivo mostrou-se que o psicólogo se faz importante na atuação de forma empática, pondo em prática o seu real manejo e assim possibilitando as vítimas um olhar de libertação, orientação e apreço, como também diante do fato o profissional da psicologia se coloca a uma visão sem julgamento, preconceito e/ou preconceito, estando ali como suporte de uma subjetividade do indivíduo, muitas vezes vista de uma cultura de naturalização do sofrimento imposto por uma sociedade que infelizmente ainda é acometida por casos banais de violência contra a mulher, destruindo pessoas, famílias e deixando rasto de sofrimentos incalculáveis

que serão levados por toda a vida, e é nessa perspectiva que busca-se amenizar o sofrimento psicológico como; angústia, medo e outros por meio do trabalho humano de entendimento proposto pela psicologia.

Se faz pontual que mesmo diante da limitação ou deficiência das políticas públicas os profissionais possam honrar as preceitos éticos no que diz respeito aos direitos humanos e assim promover melhorias no aspecto da saúde mental da pessoas/famílias/ grupos e ou comunidades envolvida pelo trabalho que já se tem a visão de melhoria na saúde pública em questão.

Quanto legado da pesquisa pretende-se deixar para a reflexão e amadurecimento da realidade do município as informações documentadas para obter novas ferramentas de atuação em defesa dos direitos de mulheres vítimas de violência tais como; Centro de Referência da Mulher (CRM), Delegacia da mulher, bases informativas que possam promover melhoria para o município e região. Por se tratar de algo ainda cultural de pouca denuncia, a pesquisa possa ser usada para fins de formação cidadã em escolas, ONGs, programas e serviços voltados em defesa da causa entre outros que possam promover o respeito, educação e formação de futuras gerações providas de informações dessa pesquisa.

REFERÊNCIA

ADEODATO, Vanessa Gurgel et al. Qualidade de vida e depressão em mulheres vítimas de seus parceiros. **Revista de Saúde Pública**, v. 39, n. 1, p. 108-113, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v39n1/14.pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2018.

AMARAL CARNEIRO VIANNA, Lucila; TEODORO BOMFIM, Graziela Fernanda; CHICONE, Gisele. Auto-estima de mulheres que sofreram violência. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 14, n. 5, s/p 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v14n5/pt_v14n5a09.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 70. ed. Lisboa: LDA, 2009.

BEAUVOIR, Simone de. **Segundo Sexo: Fatos e Mitos**. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

CARNEIRO, Terezinha Féres. **Casal e Família: Permanências e Rupturas**. 1.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

CASIQUE CASIQUE, Leticia; FERREIRA FUREGATO, Antonia Regina. Violência contra mulheres: reflexões teóricas. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 14, n. 6, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v14n6/pt_v14n6a18>. Acesso em: 20 nov. 2018.

CHAUI, Marilena. **Um Convite à filosofia**. 14.ed. São Paulo: Editora Ática, 2012.

DAY, Vivian Peres et al. Violência doméstica e suas diferentes manifestações. **Revista de psiquiatria do Rio Grande do Sul**, v. 25, n. supl 1, p. 9, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rprs/v25s1/a03v25s1>>. Acesso em: 14 set. 2018.

MARTÍN, Alfredo Guillermo. As seqüelas psicológicas da tortura. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 25, n. 3, p. 434-449, 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932005000300008>. Acesso em: 19 out. 2018

MINAYO, MC de S. Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde individual e coletiva. **Impactos da violência na saúde**, v. 2, p. 21-42, 2009. Disponível em: <http://www1.londrina.pr.gov.br/dados/images/stories/Storage/sec_mulher/capacitacao_rede%20modulo_2/205631-conceitos_teorias_tipologias_violencia.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2018.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME. **Orientações Técnicas: Centro de Referência Especializado de Assistência Social-CREAS**. Brasília, 2011. Disponível em: <<http://aplicacoes.mds.gov.br/snas/documentos/04-caderno-creas-final-dez..pdf>>. Acesso em: 19 out. 2018.

MINISTÉRIO PÚBLICO, **O Enfrentamento à Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher: Uma Construção Coletiva**. São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.direito.mppr.mp.br/arquivos/File/cartilhaViolenciaContraMulherWeb.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2018.

OLIVEIRA, E. N; JORGE, M. S. B. Violência contra a mulher: sofrimento psíquico e adoecimento mental. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, v. 8, n. 2, p. 93-100, 2007. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/3240/324027958012.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2018

ROQUE, Robson. Escolas terão ensino da Lei Maria da Penha. **Jornal do Cariri**, Juazeiro do Norte, 12 nov. 2018, caderno da política, p.4. Disponível em: <<https://issuu.com/cearanews7/docs/jc-06a12novembro2018>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

SOUZA, M. S de; BAPTISTA, M. N; ALVES, G. A. S. Suporte familiar e saúde mental: evidência de validade baseada na relação entre variáveis. **Aletheia**, n. 28, p. 45-59, 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n28/n28a05.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2018.

SILVA, Luciane Lemos da; COELHO, Elza Berger Salema; CAPONI, Sandra Noemi Cucurullo de. Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 11, n. 21, p. 93-103, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832007000100009>. Acesso em: 17 out. 2018.

ANEXOS



CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO-UNILEÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

QUESTIONÁRIO

FICHA DE INSTRUÇÕES:

Fique a vontade para responder o questionário, seja o mais verdadeiro possível.
A participação na pesquisa é voluntária, contudo, a sua participação é importante.
Leia com atenção as perguntas e marque um X para cada resposta.

1. Nome Completo: _____

2. Idade: _____ Anos completos.

3. Estado Civil:

() Solteira () Casada () Separada / Divorciada () Viúva () Viúva com companheiro.

4. Em seu município de origem você morava na região:

() Urbana (cidade) () Rural (fazenda, sítio, chácara, aldeia, vila agrícola, etc.)

5. Em que localidade da cidade seu domicílio se encontra?

() Bairro na periferia da cidade () Bairro na região central da cidade () Condomínio ()
Favela / Cortiço () Região rural (chácara, sítio, fazenda, aldeia, etc.) () Outro

6. Com quem você mora? (múltipla escolha)

() Cônjuge/Esposo () Companheiro () Filhos () Parentes () Amigos () Sozinha

7. Atualmente você:

() Apenas trabalha () Está desempregado (a) () Está de licença ou incapacitada de
trabalhar () Está aposentada () Responsável pelos cuidados domésticos

8. Recebe algum Benefício Social?

() Bolsa Família () BPC () Não Recebo

9. Qual é a sua renda familiar mensal?

- () Menos de 1 salário mínimo (até R\$350)
() De um a dois salários mínimos (entre R\$954,00 e R\$1.908,00)
() Mais de dois salários mínimos

QUESTÕES ESPECÍFICAS DA PESQUISA

Leia com atenção as perguntas e marque um X para cada resposta.

Ele controla o tipo de roupa que você usa?

() SIM () NÃO

Ele tenta lhe afastar de amigos(as), parentes e vizinhos(as)?

() SIM () NÃO

Ele diz que você não precisa trabalhar e/ou estudar? "

() SIM () NÃO

Você já teve ou tem medo de ficar sozinha com ele?

() SIM () NÃO

Sente-se isolada e desanimada?

() SIM () NÃO

As brigas e agressões estão ficando mais frequentes e mais graves?

() SIM () NÃO

Durante as brigas e agressões ele parece ficar sem controle?

() SIM () NÃO

Ele destrói seus objetos, roupas, fotos, documentos, móveis ou seus instrumentos de trabalho?

() SIM () NÃO

Ele maltrata ou já matou algum de seus animais de estimação?

() SIM () NÃO

Ele faz questão de lhe contar que tem uma arma ou a exhibe para você?

() SIM () NÃO

Ele ameaça seus parentes e amigos(as)?

() SIM () NÃO

Ele tem envolvimento com criminosos e lhe ameaça dizendo que alguém fará o "serviço sujo" por ele?

() SIM () NÃO

Quando você tenta se separar ele não aceita e fica lhe telefonando, fazendo "escândalo na porta da sua casa ou trabalho?

() SIM () NÃO

Nas tentativas de término do relacionamento ele lhe persegue e insiste em ter mais uma chance?

() SIM () NÃO

Ele diz que se você não for dele não será de mais ninguém?

() SIM () NÃO